

**Adelaide Torres**

**(Mestranda em Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)**

**Citação:** Torres, Adelaide, "Equilibrium: Um filme sobre a verdadeira essência do Homem", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 8 (2008). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

## 1. Introdução

Neste trabalho proponho-me analisar o filme *Equilibrium*, realizado por Kurt Wimmer. *Equilibrium* é, acima de tudo, um filme de acção e de ficção científica, tal como tantos outros que foram realizados nas últimas décadas, e de que filmes como *Gattaca*, *Aeonflux*, *Ultraviolet* e *Nineteen Eighty-Four* são exemplo. O próprio realizador do filme comenta esta similitude com outros filmes de ficção científica sobejamente conhecidos:

All of these films, including "The Handmaiden's [sic] Tale", "1984," "Brave New World," these are all members of the family of great science fiction that I drew upon to create the paradigm for this film. I was not anticipating directing it when I began to write it.<sup>1</sup>

*Equilibrium* é um filme sobre emoções e sobre uma sociedade dominada por um indivíduo que, para além de controlar os sentimentos dos demais indivíduos, proíbe a sua existência. Este filme retrata a descoberta inicial de Preston (a personagem principal) dos benefícios de "sentir", e, posteriormente, a sua revolta e a sua luta contra a opressão. De facto, poderemos facilmente estabelecer uma comparação com a distopia de George Orwell, *Nineteen Eighty-Four*, já que nas personagens principais dos dois filmes reside a vontade de devolver ao Homem o que realmente é do Homem, de demonstrar que este é um ser repleto de criatividade e que nada nem ninguém poderá alterar essa situação. Com este trabalho, pretendo sublinhar a mensagem de Orwell e de Wimmer: o sentimento, as emoções, pertencem ao ser humano, constituindo a sua própria essência, e não há obstáculo que o impeça de exercer essa força.

## 2. Há sempre uma luz por mais escuro que seja o caminho...

A sociedade de Libria, descrita em *Equilibrium*, emerge após uma Terceira Guerra Mundial que demonstrou que o ser humano tem de se salvar de si próprio. Para que tal aconteça, é necessário eliminar o suposto lado maligno do sentimento. O Father consegue levar essa ideia avante, quer pela criação de uma espécie de polícia secreta, os "clerics", quer pela criação de um medicamento, o "Prozium", uma mistura de Prozac com Valium que fará com que os homens se esqueçam do que é o sentimento. A personagem principal deste trama é Preston, um "cleric" cuja mulher foi eliminada da sociedade Libria por ter cometido o pecado de sentir emoção.

No início do filme, deparamo-nos com um Preston sujeito aos ideais impostos pela sociedade; contudo, e devido ao desenvolvimento de algumas peripécias, apercebemo-nos de que esta sujeição se vai esmorecendo e apagando, dando lugar ao verdadeiro herói que não descansa até ver o Homem no seu estado natural, sentindo cada emoção como se fosse única.

Mas Preston não é o único inconformado nesta sociedade. Existe um movimento de resistência que subsiste perante os ideais do Father, e é exactamente nesse movimento que Preston se apoia para levar a sua luta adiante. A resistência é composta por um grupo de indivíduos que não descansarão enquanto o regime do Father não for destruído. São pessoas simples que vivem debaixo da terra, nos calabouços desta sociedade aparentemente sóbria. Muitos misturam-se com os membros da sociedade do Father, enganando o sistema de vigilância, dissimulando-se perante a anormalidade da vida exterior. E é graças à persistência deste grupo de indivíduos que se consegue perceber que, por mais escuro que seja o caminho, um dia a luz há-de irromper por entre as sombras dos homens adormecidos.

Há sempre uma luz, uma vontade que surge da essência dos homens para mudar o que está errado. A emoção prevalece sempre sobre a opressão. O Homem nunca deixa de ser Homem.



**Imagem1:** <http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html>

### 3. Espaços de opressão em *Equilibrium*

Os espaços de opressão abundam. Logo no início do filme, deparamo-nos com uma rusga efectuada por Preston a um local onde se encontram obras de arte, das quais se destaca *Monalisa*, o quadro de Leonardo Da Vinci. Cumprindo o seu papel de vigilante, depois de ter identificado a sua autenticidade, Preston manda queimar o quadro.

Também os “clerics” não estavam livres de provas constantes de lealdade em relação ao Father, como se vê no seguinte diálogo entre Preston e Dupont, o suposto braço direito do Father:

Dupont (thoughtfully)  
I've heard a great deal about you, Preston. (...) That you can find contraband wherever it may be hidden, you've a nose for it. (...) What do you imagine that is, Cleric?  
Preston  
I...I just put myself in their position.  
Dupont  
(...) If you were a sense offender.  
Preston blinkt at him a confused moment...  
Preston  
I'm... sorry. I don't understand.  
Dupont  
How did you feel – watching those paintings burning (...)  
Preston  
(still confused)  
I...didn't feel anything. I was just doing my job.  
Dupont  
Yes...yes...of course you were.<sup>2</sup>

O teste do polígrafo era também muitas vezes usado para a detecção de alguma incoerência por parte dos membros da sociedade, sendo por vezes feito aos “clerics” antes de falarem com o Father, como atesta o seguinte diálogo:

Guard  
And of course there is the test.  
Preston  
Test?  
Guard  
Yes... you didn't imagine we were exposing the Father to even a such dedicated servant as yourself without first having a test.

Este clima de opressão prevalece ao longo de todo o filme, e os delatores são muitos e todos parecem ser capazes de denunciar “sense offenders”. No passo abaixo é o próprio filho de Preston que diz ao pai

que irá denunciar um amigo que viu chorar:

Son  
John?  
Preston  
Yes?  
Son  
I saw Bobby crying today. He didn't know but I saw. Do you think I should report him?  
Preston  
Unquestionably.

A grande força controladora desta sociedade é a dita polícia secreta que pratica uma arte marcial conhecida como “gungatta”. Impondo a força, a polícia secreta consegue frequentemente deter os “sense offenders” e estabelecer a ordem:

Dupont  
The Gun Katas: through analysis of thousands of recorded gunfights, the Cleric has determined that the geometric distribution of antagonists in any gun battle is a statistically predictable element. The Gun Kata treats the gun as a total weapon, each fluid position representing a maximum kill zone, inflicting maximum damage on the maximum number of opponents while keeping the defender clear of the statistically traditional trajectories of return fire.

Como podemos observar nos passos evocados, a sociedade de Libria conta com variadíssimos meios e apoios para impor a ordem sobre os seus cidadãos. Este regime ditatorial parece ser intransponível e estruturalmente perfeito. Subjazem contudo erros à sua concepção, erros fatais que contribuirão para o seu desmoronamento. Esta sociedade tem os dias contados...



**Imagem 2:** <http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html>

#### 4. Espaços de emoção em *Equilibrium*

Os espaços de emoção, preponderantes em *Equilibrium*, mostram o ser humano na sua plenitude. Pela forma como se definem e pela diferença que estabelecem em relação ao sistema envolvente, assumem-se como espaços heterotópicos.<sup>3</sup> Percorrendo estes espaços, Preston consegue encontrar-se e aperceber-se da sua condição humana. Gradualmente, vai tomando consciência do valor da emoção e

do sentimento, apercebendo-se do mal e do sofrimento que a sociedade do Father causa à população.

No filme, as emoções são simbolizadas pela arte, nomeadamente por livros. Partridge, o colega de trabalho de Preston, folheia um livro que havia confiscado à resistência, e é, por isso, morto por Preston: "Then Partridge raises the open book... (...) Pow! Preston puts a bullet through the book. His friend crumples behind it... and feels a strange unsettling chill."

Será num quarto secreto, o lugar heterotópico por excelência do filme, que Preston verá despertar em si sentimentos estranhos. Ao ouvir uma música tocada num gira-discos antigo, Preston chora, sucumbindo à emoção:

Int Secret Chamber

(...) What he sees nearly takes his breath away, like Mida's treasure trove, the room, untouched by the fire, is simply jammed with memorabilia. Photos, baseball cards, a train set, the complete works of William Shakespeare (...). Moves on to the Victrola. Beside it, in their wax wrappers, some old records. He shakes one out. He examines it. He mouths the words on the label ...

Preston

RCA Symphony no 9, D minor, opus 125, Ludwig Van Beethoven. (...) He puts the record on the player. (...) Music. And not just music, but the most heartfelt, profoundly created music ever made. (...) Helpless in its spell, he can only listen. (...) Tears flow unblocked down his face as he realizes for the first time, at all once, what are death, life and love.

Depois de ter despertado para o que de melhor tem a vida – a capacidade de se sentir – Preston começa a prestar atenção a um conjunto de emoções, como o afecto que sente pelo cão que segura e que os guardas querem matar:

Preston

Nothing...

Brandt nods to the enforcer and the report of the rifle fills the air, mingled with the screams of the dogs. Amidst the carnage, something scrambling between the enforcer's legs catches Preston's eyes. (...) A puppy. Scared eyes, short, murky-tan fur. The thing is shaking with fear.

Enforcer

Toss back in sir. I'll finish it off.

Preston doesn't move. Everyone looks to at him. Preston hesitates. Starts to hand the puppy back in the enclosure. (...) But Preston pulls it back.

Preston

It...it seems to me that at least one of these animals ought to be tested for disease.

Preston leva o cão consigo e tenta livrar-se dele numa rua escura, mas em vão. Ao ver que se aproximam guardas, Preston defende o cão, dizimando todos quantos se lhe opõem:

He hesitates, glancing around, making sure no one is watching, then places a small tray of water down in the trunk and arranges an old coat as a bed for the dog. (...) He does it. Allowing his fingers to touch the dog's head. The dog doesn't shrink away. Its small tail wags. (...)

Voice

Cleric...

Preston apercebe-se então dos seus erros e é assolado por um forte sentimento de culpa, sobretudo por ter assassinado o seu colega. Diante do cadáver, pede-lhe desculpa e arrepende-se do seu acto.

Ao longo do filme, acompanhamos Preston numa grande jornada de aprendizagem do que é ser-se Homem, sendo que o aspecto mais relevante nesta jornada é a percepção crescente de que todos temos liberdade de escolha. É essa descoberta que leva Preston a deixar de tomar *Prozium*, escondendo-o atrás do espelho da casa-de-banho. Mas Preston revela também sentimentos de raiva e de vingança em relação a Dupont e ao Father. Actuando em conjunto com a Resistência, Preston concebe um plano que acabará por eliminar o Father/Dupont e estabelecer a velha ordem das coisas na sociedade.

Os espaços de memória, que existem neste filme em grande número e intensidade, contribuem para a eliminação da sensação de estranhamento por parte de Preston, que se recorda, entre muitos outros episódios, da esposa que fora executada, comparando o sucedido com o que irá acontecer a Mary, igualmente acusada de ser uma "sense offender":

Int Death – Walk Palace of Justice

(...)

Preston

Mary!

A guard moves to stop him but he shoves the man aside.

(...)

Preston

Mary listen to me, I can't be without you! I can't! I don't care about anything else. I don't care about the Father (...).

O espaço dos sonhos é também bastante evidente e importante neste filme. Neste sentido, deverá ser prestada especial atenção ao passo em que Preston, depois de ter sonhado com a morte e incineração do seu falecido colega, acorda e olha para a luz que exala da janela. Dirige-se lentamente em direcção àquele fragmento de luz vindo da janela – ainda isolada por um papel – e que não permite que se visualize o mundo exterior. Preston retira o papel aos poucos, emociona-se, retira mais um pouco de papel, enfim todo o papel, e vê o mundo lá fora. E apercebe-se, nesse momento, de tudo o que tem perdido.



**Imagem 3:** <http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html>



**Imagem 4:** <http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html>

## 5. Conclusão – a mensagem que vai além fronteiras...

A leitura que proponho de *Equilibrium* assenta na ideia de que, apesar da sociedade de Libria ser fortemente controlada, os espaços de emoção são maioritários. Ao longo do filme, estes espaços de emoção vão-se desdobrando em espaços de memória e de sonho, contribuindo para um único propósito:

a defesa da ideia de que o Homem tem de preservar o que de mais importante comporta, isto é, a sua criatividade e a sua liberdade. Por essa razão, acredito que este filme deverá ser entendido como uma distopia crítica.<sup>4</sup>

Na verdade, creio que existe, desde o início do filme, uma luz ao fundo do túnel: intuitivamente, sabemos que Preston irá conseguir derrotar o Father e trazer de novo a Paz e a Esperança a Libria. O Homem será sempre Homem, com os seus defeitos e com as suas virtudes. Não se pode ir contra a Natureza e impedir a sua criatividade. Ainda há boas pessoas que podem mudar o mundo. E basta que uma só pessoa queira mudar: do pensamento à acção, o espaço é muito ténue.

Como disse na introdução a este trabalho, é impossível não relacionarmos este filme com outras obras distópicas, como *Nineteen Eighty-Four*, de George Orwell. Recordemos o *Big Brother* sempre atento, tal como o Father; recordemos ainda filmes como *Aeonflux*, *Ultraviolet*, *The Island*... e conseguiremos sempre estabelecer semelhanças com *Equilibrium*. Todos estes filmes alertam o Homem para a eventualidade do seu fim, não como corpo, mas como o ser que na verdade é, e que vale pelo seu todo. É essa essência que devemos preservar, essa essência que nos distingue dos demais animais, que parecem não ter noção das coisas. Nós sentimos! E é tão bom viver! Viver para observar um sorriso de uma criança, lembrar o cheiro dos biscoitos da avó, pensar em quem se ama quando se está longe, na música que acompanhou o primeiro beijo, aquele livro da adolescência que guardámos na mesinha de cabeceira, o aconchego do colo da nossa mãe... E também pensar no que nos magoa: a guerra desenfreada e sem sentido, a fome, a dor... Tudo isto é preciso e é característico do ser humano. Sem emoção e sentimento, este ficará sem identidade. Como afirmaram, em 1999, Andy e Larry Wachowski, realizadores da trilogia *The Matrix*, "To deny our own impulses is to deny the very thing that makes us human".<sup>5</sup>

## Referências Bibliográficas

Baccolini, Raffaella & Tom Moylan (2003), *Dark Horizons: Science Fictions and the Dystopian Imagination*, New York, Routledge.

Varela, Maria do Mar & Nikita Dhawan (2006), "Spatialising Resistance – Resisting Spaces: On Utopias and Heterotopias" in *Writing, Space and the Construction of Utopia*, Eduardo Reis & Jorge Bastos da Silva (eds), Porto, Ed. UP., pp. 237-238.

<http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html> (acedido pela última vez a 7 de Fevereiro de 2008)

## Filmografia

*Equilibrium* (2002), dir. Kurt Wimmer, Miramax Productions.

---

<sup>1</sup> Esta citação pertence a Kurt Wimmer, realizador de *Equilibrium*, e foi retirada do seguinte endereço electrónico: <http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html>

<sup>2</sup> Todos os passos de *Equilibrium* citados neste artigo foram retirados do seguinte endereço electrónico: <http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html>

<sup>3</sup> Sobre o conceito de heterotopias, esclarece Maria do Mar Varela: "Heterotopias, which are popularly interpreted as "counter-spaces" that are not only "other than" everyday spaces but also distinct from utopias ("good-places/no-places"), have become a very fashionable concept within critical theory. (...) Michael Foucault refers to heterotopias as "peculiar" spaces that at once relate to and deviate from the everyday" (Varela 2006: 237).

<sup>4</sup> Raffaella Baccolini e Tom Moylan oferecem-nos a seguinte definição de distopia crítica: "The critical dystopia opens a space of contestation and opposition for those collective "ex-centric" subjects whose class, gender, race, sexuality, and other positions are not empowered by hegemonic rule" (Baccolini & Moylan 2003: 7).

---

<sup>5</sup> A citação com que termino este artigo foi retirada do seguinte endereço electrónico:  
<http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Equilibrium%20Script.html>